BICENTENÁRIO DA FREGUESIA NOSSA SRA. DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU 31 DE JANEIRO DE 2012

Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento (x)
Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

FREGUESIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU 31 DE JANEIRO DE 2012

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen Renê com a orientação do autor, tendo por fundo as cores do Rio Grande do Sul e nas margens a cor azul turquesa, da Arma de Engenharia, que o autor integra desde 1953 na AMAN.

Edição da FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

RESENDE - RJ, 2011

Composição da Capa: A bicentenária imagem de Nossa Senhora da Conceição da igreja Matriz de Canguçu, a mais preciosa relíquia da comunidade. Sua escolha como padroeira deve-se a projeção estraté- gica militar da localidade de Canguçu fundada em 1800, como medida defensiva preventiva, com vistas a barrar uma 3ª invasão espanhola ao Rio Grande do Sul, a partir do Forte do Cerro Largo no atual Uruguaie repelida na Guerra de 1801. Nossa Senhora da Conceição era a padroeira e rainha do Reino de Portugal e em especial a padroeira do Exército de Portugal e por extensão a padroeira do Exército Imperial do Brasil e devoção de seus integrantes e em especial de seu Patro- no o Duque de Caxias, o pacificador da Revolução Farroupilha, que determinou a recuperação da Igreja de Canguçu quase em ruínas aofinal da Revolução, em consideração a sua padroeira, a padroeira doExército Imperial e sua grande devoção.
Digitação dos originais: O autor e a professora Ivonete Maria Costa. **Ilustrações:** Pelo autor com fotos, em maioria do Arquivo ConradoErnani Bento, patrono da Academia Canguçuense de História, algu- mas de pouca qualidade, mas ruim com elas, pior sem elas.
Revisão: Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho da Gráfica Ir- mãos Drumond de Barra Mansa-RJ.
Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Ávila da Gráfica Irmãos Drumond. **Representante Comercial:** José Antônio Alves da Gráfica Irmãos Drumond.

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL DA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira. Bicentenário da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Canguçu. 31 jan 2012.Resende:ACANDHIS,2011.

54 pg.

ISBN: 978-85-60811-17-5
1- História de Canguçu-RS
2- Nossa Senhora da Conceição padroeira de Canguçu-RS
3- Claudio Moreira Bento
4- Primeiros povoadores de Canguçu-RS

Catalogação na publicação Departamento Nacional do Livro

SUMÁRIO

- Prefácio 5
- Apresentação 7
- Criação de Canguçu Freguesia pelo Príncipe Regente D. João, de Portugal, no Brasil 9
- Antecedentes de Canguçu à criação da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Canguçu 10
- O contexto histórico da criação de Canguçu Freguesia 19
- A visita a Canguçu Freguesia em 1815 pelo Bispo do Rio deJaneiro 20
- Canguçu - RS, primitivos moradores, primeiros batismos 1800-1813 22
- O Cinquentenário da Freguesia de Canguçu em 1862 26
- Canguçu no Centenário como Freguesia em 1912 29
- Canguçu em 1912, na visão do fotografo Rafael Crecco 37
- Fotos de outras fontes e datas de como era Canguçu em 1916 40
- Academia Cangunçense de história - Breve Histórico 47

A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo

POUPEX

Associação de Poupança e Empréstimo

Monumento a Nossa Senhora da Conceição, no Cerro dos Borges, inaugurado em 8 de dezembro de 2010. Evento abordado pelo autor e pelo jornalista Cairo Moreira Pinheiro no Informativo tríplice **O Guararapes**, **O Gaucho** e **Memória**, respectivamente das seguintes entidades fundadas e presididas pelo autor; Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) e AcademiaCanguçuense de História (ACANDHIS) Fotos: 1- Vista a partir do monumento da cidade de Canguçu, 2- Vista parcial de Canguçu e 3- Por trás do monumento. Fotos tomadas pelo autor no dia da inauguração.

Prefácio

“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para frente.”

Kierkergaard

“A história nasce e perpetua-se na alma e tradição de um povo. É tão sagrada quanto sagrada é a vida! Perpassa otempo e o espaço ilustrando cada instante como um novo de-safio, uma nova aprendizagem e um novo capítulo no seu vir aser. O Historiador Cel. Cláudio Moreira Bento, como aluno do CFNSA - 1938-1944 já despontava como um ‘historiador de vocação em potencial’. Suas obras apresentam a riqueza de novas descobertas na releitura do passado que, transforma- das em herança no presente, projetam o futuro. Hoje é, indiscutivelmente, um descortinador dos fundamentos da história que dá sentido a vida de nossa terra e nossa gente.”

Sempre é muito gratificante falar sobre o trabalho de umautor como o Cel. Claudio Moreira Bento, que sabe expressar seu incontestável talento não só com os recursos que lhe fa- culta a inteligência, mas também com os sentimentos que lhe saem do coração.

Nesta frutuosa obra literária, o autor consegue reportar
-se a épocas remotas, revivendo personalidades, fatos e sabedoria popular, que sempre serão úteis conhecer em determinadas ocasiões de nossas vidas; volta a um passado bem longínquo, desde a criação da Freguesia N^{a} Sr^{a} da Concei- ção de Canguçu, criada em 31 de janeiro de 1812 pelo Prínci- pe Regente D. João de Portugal no Brasil; destacada a insigne visita do Bispo do Rio de Janeiro à Freguesia de Canguçuem 1815 e retrocede um pouco quando se refere aos primi- tivos moradores aos primeiros batismos, pelos idos de 1800
- 1813. Por ai segue o escritor, pondo à disposição do leitor, revelações e ensinamentos históricos surpreendentes. Retra-tando Canguçu no Centenário como Freguesia, o historiador faz um relato muito interessante sobre as casas comerciais da época, relembra as famosas cacimbas, principais fontes de abastecimento de água em Canguçu e enriquece seu trabalho com memoráveis fotografias de ambientes e casarões daque-le tempo. Prosseguindo, chega a tempos não tão distantes, pondo à vista a foto da casa de seus Pais, Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento, prédio onde nasceu e viveu sua infância e parte da adolescência.

Muito original é o pensamento do escritor quando decla- ra haver sido um ‘ressuscitador de centenas de pessoas’ e almeja ser recebido festivamente por todos aqueles aos quais em sua obra literária deu vida, não poupando esforços para reviver suas memórias.

Queira Deus, que sempre haja alguém que diga ou es- creva algo que precisamos ouvir ou ler. E, aqui está o nosso escritor, historiador insigne, Cláudio Moreira Bento, colocando ao nosso alcance todo o seu talento para que tenhamos o privilégio de melhor conhecer a história de Canguçu, nossa amada terra.”

Em nome da ACANDHIS os seus Acadêmicos Yonne Sherer Bento, Aliette Martins Ribeiro, Irmã Cecília Ivone Rigo e Cairo Moreira Pinheiro

Canguçu, dezembro de 2011

Apresentação

Aluno de 1938/44 do Colégio N. Sra. Aparecida, procurava com interesse nos livros de História, a saga de minha terra na- tal Canguçu, sem quase nada encontrar de expressivo. Como um historiador de vocação em potencial tinha sensação de haver nascido num município marginal na História, nacional, estadual e regional. E esta sensação era mais aguda e pun- gente ao ouvir colegas de adolescência no Colégio Gonzaga em Pelotas de 1945/50, e da Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre 1951/52 e na Academia Militar das Agulhas Negras 1953/55, em Resende-RJ falarem com orgulho da His- tória, das terras e gentes de seus berços natais.

Em 1995 egresso na Academia Militar das Agulhas Ne- gras, fiz o firme propósito de virar o jogo e resgatar a Histó- ria de Canguçu com vistas, inicialmente, a comemoração em 1957. do centenário de Canguçu como município.

E para tal fiz um grande esforço sem conseguir dados históricos efetivos para realizar meu sonho, mas valeu o que con-segui obter de meu pai Conrado Ernani Bento, que coleciona- va e preservava fontes de História de Canguçu e me transmitiaoralmente o que sabia, em resposta a meus questionamentos. E fomos a luta, que já dura 56 anos, nos quais pude concreti- zar este sonho traduzido pelas obras que produzi e constan- tes na relação na 4ª capa intitulada, Principais obras do autorsobre Canguçu.

O recente trabalho Bicentenário da Freguesia N. Sra. da Conceição de Canguçu, 31 de janeiro de 2012 constitui uma síntese do meu esforço como historiador, para integrar meu querido berço natal-Canguçu à historiografia de Portugal, à brasileira, á gaúcha e a da AZONASUL e em especial na his- toriográfica militar terrestre. E espero que os leitores e em es-pecial os historiadores concordem!.

Creio que meu objetivo foi plenamente conquistado!. Mis- são bem cumprida! Esperamos que outros historiadores, e em especial os integrantes da academia Canguçuense de História, de hoje e do amanhã, a qual fundamos em 13 de setembro de 1988, no centenário de meu pai, Conrado Ernani Bento e desde então patrono da entidade, em reconhecimento ao seu grande esfor-ço de colecionar e preservar fontes da História de Canguçu, as quais muito usei em meu trabalho de restaurar a memória e identidade histórica de Canguçu.

E finalmente, espero que os estudantes Canguçuenses da rede pública e privada de ensino de Canguçu, não sintam como eu senti, como aluno da CFESA, a sensação de haver nascido num local sem História e marginal, em especial, na historiografia do Rio Grande do Sul.

E merece ser feito um grande esforço no resgate e regis-tro da História Contemporânea de Canguçu a partir de 1983, ano da 1ª edição de meu livro Canguçu reencontro com a his- tória, um exemplo de reconstituição de memória comunitária, publicado pelo Instituto Estadual do Livro, na administração da Secretaria de Cultura do RGS de Luiz Carlos Barbosa Lessa, autor então do prefácio da obra.

Obra que foi uma síntese do trabalho original, em dois volumes com cópias Xerox que distribuí as Bibliotecas do CFENSA, ao Instituto Histórico e Geográfico do RGS, ao Ar- quivo Nacional, ao Instituto Histórico e Geográfico do RGS, ao Arquivo Nacional, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e a Biblioteca do Exército, conforme aborto em nota Advertência, depois da Introdução na 1a edição.

O autor

Criação de Canguçu Freguesiapelo Príncipe Regente D. Joãode Portugal no Brasil

A Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cangu-çu foi criada em 31 de janeiro de 1812, pelo Príncipe Regente
D. João, depois de consultada a Mesa de Consciências e Or-dens presidida pelo 8° Bispo do Rio de Janeiro, D. Caetano da Silva Coutinho. E com a freguesia de Canguçu, foram criadas as freguesias de Pelotas e Jaguarão, denominadas em artigo pelo canguçuense e historiador pelotense Major Ângelo Pires Moreira, de freguesias gêmeas.

No Brasil Colônia como em Portugal não havia distinção en- tre freguesia e paróquia. A freguesia era a menor divisão adminis-trativa e correspondia à paróquia civil de outros países.

Príncipe Regente D.João de Portugal, o criador das Freguesias gêmeas de Canguçu, Pelotas e Jaguarãoem 31 de janeiro de 1812.

A freguesia era governada por uma Junta de Freguesia, órgão executivo, eleita por membros da Assembleia da Fre- guesia, cujo presidente era automaticamente, o candidatomais votado.

A Freguesia Nossa Senhora de Canguçu esteve subordi- nada ao município de Rio Grande de 1812 a 1830, por cerca de 18 anos e ao município de Piratini, de 1830 a 1857, por cer- ca de 27 anos, inclusive no período da Revolução Farroupilha1835 - 45, sendo que de 1836 - 45 integrada à República RioGrandense. Era o vigário de Canguçu, durante a Revolução Farroupilha, o padre Hipólito Ribeiro que a dirigiu, de 1821 a 1857, por cerca de 36 anos, até Canguçu ser criado como o 22° município do Rio Grande do Sul.

Existem documentos originais das votações da Assem- bleia da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Can- guçu e assinados por nosso trisavô materno Serafim José da Silveira que presidiu a Câmara de Vereadores da República Rio Grandense em Piratini. A ele se deve o ardil de ser eleito presidente da República Rio Grandense, em substituição ao General Bento Gonçalves preso na ilha do Fanfa e enviado para o Rio de Janeiro e depois para a Bahia, o seu velho ami-go Gomes

Jardim, em cuja casa em Guaíba viria a falecer em 1849. Isto para evitar que o cargo fosse ocupado pelo vice presidente Fontoura, conhecido boêmio e mulherengo que mais tarde foi assassinado em Alegrete, por um marido traído.

Antecedentes de Canguçu à criação da Freguesia N. Sra. da Conceição de Canguçu

Em 1737 o Rio Grande do Sul foi fundado com o desembarque do Brigadeiro José da Silva Pais em Rio Grande,onde fundou a Fortaleza Jesus-Maria - José I.

De 1752 - 1756, teve lugar a Guerra Guaranítica, provocada pela reação dos índios dos Sete Povos das Missões, liderados pelos Jesuítas, de abandonarem aquela região para ela ser entregue a Portugal, em troca de Colônia de Sacramento e serem povoados por casais de açorianos.

Em 1754 foi fundada em Rio Pardo, pelos Dragões do Rio Grande que lá se estabelecem, a Fortaleza Jesus-Maria José II.Em decorrência, foi estabelecido através de Canguçu um ca- minho histórico de ligação entre as fortalezas de mesmo nome,em Rio Grande e Rio Pardo. Caminho que atravessava o rio Ca-maquã pelo passo hoje conhecido como Vão dos Prestes e na época conhecido como passo do Camaquã de Baixo.

Em 1763 os espanhóis invadiram o Rio Grande do Sul pelolitoral e conquistam a Vila de Rio Grande que dominariam por 13 anos, até sua reconquista por Portugal, em 1° de abril de 1776.

Para combater esta invasão, os portugueses recorreram a guerrilha, com a seguinte orientação estratégica, na impossibi-lidade de enviarem recursos militares em socorro do atual Rio Grande do Sul.

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas localizadas nas matas e nos passos dos rios e arroios, de onde sairão ao encontro do invasor para surpreender-lhes, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constantes e contínua inquietações."

Em Canguçu, na atual Coxilha do Fogo, para onde convergiam os passos do Camaquã, foi estabelecida uma Base de Guerrilha portuguesa sob a liderança do Tenente de Dragões, Rafael Pinto Bandeira.

O Brigadeiro Rafael Pinto Bandei- ra explorador das terras de Canguçu que como major do Dragões de Rio Grande comandou em Canguçu uma base de guerrilhas para combater as invasões espanholas de 1763 e 1774. O estudamos nas obras Comando Militar do Sul 1995 e em Canguçu reen- contro com a História. 2007. 2ª Ed.

partir de Canguçu esta guerrilha penetrava no atual Uruguai para arrear gado vacum e

cavalar e os tropear para as terras de Canguçu atual , além de destruirestabelecimentos espanhóis, tudo visando tirar o gado cavalar e vacum dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul. O cavalo e o boi eram fundamentais para os transportes de soldados e cargas do invasor e para a alimentação de um Exército.

Este tipo de guerra deu origem à **Guerra à gaúcha**, de característica regional que estudei na **Antologia do CIPEL** e em outras obras como na **História da 3ª RM 1994,v.1** e na obra **O Gaúcho criador da Imprensa Brasileira** (Hipólito da Costa), 2005 e em **Canguçu reencontro com a História** 2007.

Em 1773/74 o Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vertiz y Salcedo invadiu o Rio Grande do Sul pela Campanha. E próximo de Bagé atual construiu a Fortaleza de Santa Tecla para impedir as arreadas das guerrilhas portuguesas em território espanhol. Guerrilhas que possuíam suas bases nas serras dos Tapes e do Herval. E de Santa Tecla pretendeu prosseguir para conquistar Rio Pardo e varrer das serras dos Tapes (Canguçu atual) e da do Herval (Encruzilhada do Sul atual) as guerrilhas portuguesas.

Derrotado frente a Rio Pardo decidiu retirar-se célere para a Vila de Rio Grande através de Canguçu atual, perseguido por Rafael Pinto Bandeira. Atravessou o rio Camaquã no passo desde então conhecido como Passo da Armada, referência a Armada (denominação de Exército em espanhol). E ali foi emboscado por Pinto Bandeira, além de ser obrigado a escavar pistas para seus canhões chegarem até o rio para a travessia.

A Guerra terminou em 1° de abril de 1776, com a expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande, depois de expulsos do Forte São Martinho, que impedia o acesso das guerrilhas às Missões e situado acima de Santa Maria e da Fortaleza.de Santa Tecla, que impedia o acesso das guerrilhas ao atual Uruguai, junto com a de Santa Tereza, hoje no Uruguai.

Marechal Patrício Correia da Câ- mara grande fronteiro da Fronteira de Rio Pardo atravessou Canguçu de 15 a 21 de abril de 1776, como major comandante de uma Companhia dos Dragões de Rio Pardo com destino ao arroio Taim, depois de participar da conquista e arrasamento da Fortaleza de Santa Tecla, em março de 1776.

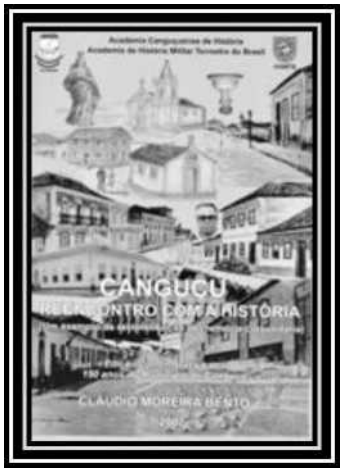
Face ameaça de nova invasão ao Rio
Grande, o Major Patrício Correia da
Câmara recebeu ordens de deixar Santa Tecla com sua Companhia de Dragões e tomar posição no arroio Taim E nesta missão ele atravessou o território atual de Canguçu, de norte a sul, nos dias 15 a 21 de abril de 1776. deixando em seu detalhado relatório de Campanha que publiquei, as p. 83/93 de meu livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Gior- gis **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Correia da Câmara**.2002. com valiosas informações sobre o território

canguçuense. Informações que detalhei em **Cangu- çu reencontro com a História**.

Com a expulsão dos espanhóis de Rio Grande as terras de Canguçu reabriram-se à exploração pelos portugueses.

Mas a ameaça de nova guerra persistiu por inconformida- de dos gaúchos com o Tratado de São Ildefonso de 1777, imposto por Espanha, pelo qual Colônia do Sacramento eos Sete Povos das Missões ficaram com a Espanha. Trata- do que estabeleceu a fronteira Portugal - Espanha, de fato, no rio Piratini,e separadas por faixa de terreno neutra , “sem lei e sem rei” até demarcação definitiva. O território do atual município de Santa Vitória foi transformada em Campo Neutral, ou terra de ninguém. Estudamos estas guerras pio- neiramente em detalhes em nosso livro **A Guerra da Res- tauração**. BIBLEx, 1996.

Em 1783, decorridos 6 anos da expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul Portugal criou em Canguçu Velho atu-al, a Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu.



Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/89 que estudamos em detalhes em nosso livro Em Canguçu - RS a sede da Real Feitoria... 2009. Em 1972 localizamos as ruínas do sobrado e do mangueirão quadrado feito de pedra. da citada Real Feitoria. (Fonte foto na capa op.cit). Ao lado capa nosso livro Canguçu reencontro com a História, contendo a história de Canguçu restaurada depois de 50 anos de pesquisas.

E foi para protegê-la de uma invasão espanhola que ela foi removida para São Leopoldo atual, em 1789 e fun- dada neste mesmo ano, junto a fronteira no rio Piratini, a Vila dos Casais, a atual cidade de Piratini, na forma de um primeiro posto de vigilância,avançado, para apoio a uma resistência em caso de invasão. E cinco anos depois em 1784, Comissão Demarcadora dos Limites no Rio Grandedo Sul levantou um mapa da Fronteira Espanha-Portugal onde em Canguçu só aparece o nome Cerro Partido. Este local assinalando um nó orográfico, formado por cursos d’água que ali nascem e deságuam na Lagoa dos Patos, no rio Camaquã e rio Piratini. Publicamos reprodução deste mapa no tocante a ocupação do Vale do Piratini em nosso livro **O Negro e descendentes na Sociedade do**

Rio Grande do Sul em 1976.

Este nó orográfico era ponto de passagem obrigatório para quem do rio Camaquã pretendesse atingir o local da cidade atual de Canguçu se deslocando por divisores de água. O mais importante era da Coxilha de Santo Antônio, linha seca a partir da Lagoa do Junco para quem viesse de Piratini e Caçapava atingir Can- guçu.

Em 1799 surgiu a ameaça de nova guerra contra os espanhóis na fronteira gaúcha, no rio Piratini.

E Canguçu foi fundada como capela curada, em invocação a Nossa Senhora da Conceição, como uma providência estratégica defensiva do território e um

aprofundamento da defesa estabelecida dez anos an- tes no corte do rio Piratini, representada pela Vila dos Casais, a atual Piratini.

E junto com Canguçu, e sobre possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, a partir do Forte de Cerro Largo, no atual Uruguai, foram fundadas as ca- pelas curadas de Caçapava do Sul atual e Encruzilhada do Sul atual. As duas últimas sobre o caminho histórico de invasão Santa Tecla - Lavras - Caçapava do Sul - Encruzilhada do Sul - Rio Pardo. E Canguçu sobre um terceiro caminho de invasão muito usado pelas guerri- lhas para penetrar no Uruguai a partir de Canguçu: For- te do Cerro Largo - Passo Centurion ou Nossa Senhora da Conceição no rio Jaguarão - Herval do Sul - Pirati- ni - Canguçu, onde alcançaria o caminho histórico de união das duas bases militares portuguesas, a de Rio Grande com a de Rio Pardo.

Canguçu aprofundando a defesa de Piratini e que se conquistado poderia o invasor espanhol ora inflectir sobre o Rio Grande ou sobre Rio Pardo, as duas bases militares de Portugal no Rio Grande do Sul.

As Capelas de Caçapava, Encruzilhada e Canguçu foram estabelecidas pelo padre visitador Frei Bento Cortez de Toledo, representante do Bispo do Rio de Janeiro.
A de Canguçu foi criada em 30 de dezembro de 1799, pelo governador do Rio Grande do Sul, subordinado ao Rio de Janeiro, Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Câmara. Foi instalada em 1° de janeiro de 1800, com o lançamento da Pedra Fundamental da Capela Curada Nossa íição de Canguçu.

A imagem da padroeira de Canguçu e padroeira de Portugal e sua rainha desde 25 de março de 1646por consagração do Rei D. João IV, conforme tratamos em detalhes em 8 de dezembro de 2010 no Informativo tríplice O Guararapes, O Gaúcho e o Memória na inaugu- ração do Monumento a N. Sra. da Conceição no Cerro dos Borges. É a mais antiga relíquia comunitáriae que também a abordo na obra Os 200 anos da Igreja Matriz N. Sra. da Conceição de Canguçu.2000.

Foi nomeado inspetor da capela Curada de Canguçu o Tenente Coronel Jerônimo Xavier do Azambuja, subcomandante da Legião de Cavalaria Ligeira, encarregada da defesa da fronteira de Rio Grande, que era dividida da Fronteira de Rio Pardo pelo rio Camaquã.

Assim, oficialmente, foi fundado Canguçu atual, num contexto estratégico de guerra iminente. E o local povoado, que surgira no local onde funcionara a Real Feitoria do linho Cânhamo até 1789, decorridos dez anos passou a chamar-se Canguçu Velho.

A capela Curada de Canguçu passou a figurar como um Distrito Militar subordinado

a Rio Grande.

O Conde de Resende, fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil em 1792, foi o doador em 1795 como Vice Rei do Rincão do Tamanduá, ao Capitão-Mor Paulo Xavier Prates, que por sua vez o doou por escritura pública, a N. Sra. da Conceição. O estudei no O Guararapes, n° 1, Edição Especial de 20 março 2011, disponível em Informativo no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

Em 1795 onde se ergue a cidade de Canguçu, o 13° Vice Rei do Brasil e Visconde de Resende, nosso patrono de cadeira na Academia Resendense de História (ARDHIS), por nós fundada em 1992, havia concedido uma sesmaria ao Capitão-Mor Paulo Rodrigues Xavier Pra- tes, pondo fim a uma disputa das terras citadas com este Capitão-Mor, cuja sede de sua propriedade ficava na ilha Canguçu, que passou a historia como ilha da Feitoria. Ouilha que foi agregada a estância da Feitoria que sucedeu a Real Feitoria em Canguçu Velho.

De 14 de julho a 17 de dezembro de 1801, a fronteira do Rio Grande entrou em guerra com os espanhóis. E o Distrito Militar de Canguçu tomou parte. A ele pertenciam os seguintes militares, além do Tenente Coronel Jerônimo de Azambuja, natural de Viamão.

Capitães Manoel Francisco de Azambuja (natural de Setubal - Portugal) e Antônio Marques Arzão (Natural de Taubaté-SP). Tenente Domingos Alves Lisboa (Natural de Rio Grande). Alferes José Theotônio Bandeira (Natural do Porto- Portugal) Manoel Quintiliano Prestes (Natural de Taubaté-SP), e José de Souza Pereira (Natural do Arraial do Prados MG) e mais o Furriel Manoel de Souza Olivei-ra. (Natural de Rio Grande) nosso tetravô materno, pai de Antônio de Souza Mattos e avô do Ten Cel Honorário do Exército Theophilo de Souza Matos e de seu primo irmão General (Revolucionário. 1923) Zeca Netto. O Furriel Manoel era filho de açorianos da Vila Nova do Topo da ilha São Jorge. Antônio de Souza Mattos foi casado com Anna Rodrigues de Sene nascida em Rio Grande.

O Furriel Manoel era da Companhia do Distrito Militar.

Foi escolhido, como era tradição entre os soldados mais práticos e entendidos da vida militar e que sabiam ler e escrever. A sua missão era a de selecionar e distribuir os aloja- mentos quando sua companhia estava em marcha. Recebia do almoxarife a cevada e tudo o mais que se distribuía aos soldados, inclusive e principalmente munição, e organizar o pagamento. Marchando a frente da companhia enviava mensagens a tropa sobre os alojamentos, disponíveis Na companhia, sendo pessoa de respeito e soldado prático, na ausência do alferes poderia, se assim decidisse o capitão, comandar a companhia.

As hostilidades iniciaram com o ataque as guardas espanholas estabelecidas entre os rios Piratini e Jaguarão. Participaram destas ações seguramente os citados integrantes do Distrito Militar de Canguçu.

Antes, em 17 de junho, tropas luso-brasileiras comba- teram os espanhóis no Passo das Perdizes, obtendo vitória. Entre os heróis deste combate encontrava-se o Fiscal da Capela de Canguçu, e que contribuiu com a maior quantia para construir a

capela de Canguçu, o tenente Coronel Jerônimo de Azambuja, antigo integrante da guerrilha de Pinto Bandeira, baseada no atual município de Canguçu. Conquistados na guerra de 1801,os territórios entre os rios Piratini e Jaguarão e os Sete Povos das Missões, luso-brasileiros que viviam ao norte do rio Piratini, partem para povoar com suas estâncias, os terrenos conquistados aos espanhóis e não devolvidos, em razão da Espanha não haver devolvido a cidade portuguesa de Olivença que conquistara.

Na Europa, Napoleão conquistou a Espanha e prendeu seu rei. E em Portugal, a Família Real, para escapar do mesmo destino, transferiu a sede do Reino de Portugal para o Brasil, aonde chegara em 1808.

E no Brasil para tomar diversas providências, inclusive a de fortalecimento de nossa Fronteira do Rio Grande, de possíveis ações militares argentinas, visando incorporar o atual Uruguai e partes do Rio Grande do Sul, para reconsti- tuir o antigo Vice- Reinado da Prata.

E sendo a Rainha Carlota, no Brasil, irmã do rei da Espanha preso por Napoleão, ela se candidata a incorporar ao Brasil, o atual Uruguai subordinado a Espanha.

Assim, em 1809 foi criado a Capitania de Rio Grande do Sul, independente do Rio de Janeiro, a qual o Rio Grande do Sul esteve subordinado de 1737 a 1809, por cerca de 72 anos. E com a Capitania teve inicio a atual 3ª Região Militar por nós abordada em nosso livro **História da 3ª Região Militar 1807- 1889 e Antecedentes,** v.1, marco inicial do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, por nós conduzido e ora concluído com 20 volumes.

O contexto histórico da criaçãode Canguçu Freguesia

Em 1810 começou a emancipação da Argentina do domí-nio de Espanha e nossa fronteira foi violada por desordeiros, que atuavam na Argentina e Uruguai. Para prevenir estes ma- les e outro maiores, foi organizado no Rio Grande do Sul, em 1811, o Exército de Observação da Capitania.

Ameaçado por argentinos e orientais (uruguaios), o governador espanhol Hélio, do Uruguai pediu auxílio ao Príncipe
Regente D. João, cunhado do rei de Espanha prisioneiro de Napoleão. E foi organizado, em 1812, em Bagé, atual, então fundada, o Exército Pacificador da Banda Oriental, por transformação do Exército de Observação da Capitania.

E sob o comando do General D. Diogo de Souza, Capitão General e Governador da Capitania do Rio Grande, o Exército Pacificador invadiu o atual Uruguai, pelo passo Centurion no rio Jaguarão.

E foi quando o Exército Pacificador se encontrava em Mal- donado, no atual Uruguai, que a capela curada de Canguçu foi elevada a Freguesia, em 31 de Janeiro de 1812. Decorridos 4 meses, o Exército Pacificador recebeu ordem, em 10 de julho de 1812, de retornar ao Rio Grande do Sul E nele seguramen- te os canguçuenses de seu Distrito Militar.

Marechal de Campo Manoel Marques de Souza 1°. O comandante dos canguçuenses na guerra de 1801 e na Campanha do Exér- cito
Pacificador em 1812. Era avô do Conde de Porto Alegre Manoel Marques de Souza III, comandante superior na Guerra do Paraguai, do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu, ao comando do Ten Cel Hono-rário do Exército Theophilo de Souza Matos.
Estudei o Conde de Porto Alegre na obra Conde de Porto Alegre 2005 em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

E desta operação militar participaram canguçuenses do DistritoMilitar de Canguçu, as ordens do Coronel Manoel Marques de Sou- za 1°, grande sesmeiro em Canguçu, no hoje território de Cerrito e que foi o primeiro filho do Rio Grande do Sul a o governar como capitania independente. Hoje é o patrono da 8ª Brigada de Infanta- ria Motorizada em Pelotas e por nossa sugestão, e grande comandodo Exército, de cuja história sou o autor, tendo como parceiro o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

A visita do Bispo do Rio de Janeiroa Canguçu
Freguesia em 1815

Visita a Canguçu dias 25, 26 e 27 de novembro de 1815do Bispo do Rio de Janeiro

Canguçu foi visitado pelo 8º Bispo do Rio de Janeiro (1807-33) D. José Caetano da Silva Coutinho. Tratei em detalhes desta visita no **Diário Popular** de Pelotas de 22 março de 1977.

D. José Caetano nasceu em Caldas da Rainha - Portugal, em 1767, quando o Rio Grande do Sul fazia quatro anos fora invadido pela Espanha e conquistado Rio Grande do Sul atualBacharelou-se em Cânones em Coimbra. Sagrado Bispo de Lisboa em 15 de março de 1807, conseguiu burlar as tropas de ocupação de Napoleão e chegou ao Rio de Janeiro um mês e meio depois da Família Real.
Piratini foi Freguesia criada por sua proposta em 3 de Abril
de 1810. Canguçu foi a terceira após Pelotas, dentro da precedência que observou no ato de criação, embora gêmeas.

Os limites de Canguçu atual de certa forma foram os propostos por D. José Caetano ao Príncipe Regente D. João. Este prelado foi intimamente ligado ao processo da Independên-cia. Ele assistiu a toda a ação de D. João, coroou D Pedro I e o assistiu até sua abdicação, falecendo depois, na Regência. Foi ele que presidiu na Capela Imperial, em 10 nov. 1822, dia da Apresentação de Nossa Senhora, a tocante e histórica cerimônia cívica religiosa, na qual o Imperador D. Pedro I en- tregou ao Tenente Luiz Alves de Lima e Silva (o futuro Duquede Caxias, hoje nome de rua de Canguçu), o primeiro exem- plar da Bandeira do Brasil independente, recém- criada e en- volta no incenso que o bispo D José Caetano lançava de seu turíbulo. Em seus

registros sobre a recém-criada Freguesia de Canguçu constou; "A freguesia produzia anualmente 1000 a 2000 alqueires de trigo "o que a fazia uma das mais notáveis de Capitania neste particular". Supunha que o vigário padre Tourem fosse um grande plantador do produto.

Calculou a população de Canguçu em torno de 3.000, aqual era servida por 5 padres, sendo o vigário Tourem coad-juvado pelo padre Duarte Cruz Pinto e mais os padres Ger- vásio Pereira Carneiro, num oratório para os lados de Piratini, Joaquim Tavares num oratório para os lados de Pelotas e opadre Januário para os lados de Camaquã. Sobre a igreja no seu 15° ano de criada observou: "É uma barraca de telha, po- bre mas caiadinha, com seus ornamentinhos e duas sinetas inteirinhas. Achei a pia batismal indigna e mandei fazer outralogo. Vi o cemitério em torno da igreja; achei-o mais indigno e reclamei do vigário Tourem. Ao visitar os pobres e doentes achei Canguçu localidade menor que Caçapava, pois os seus moradores ricaços moram em suas fazendas de gado e trigo".Chegou as 11 horas de 25 de Novembro - sábado, e hos- pedou-se "na casa da mãe do Fidêncio", no outro dia Domin- go, "na casa do Alferes Braz e D. Ricarda" e segunda "jantou

na casa de Felisberto".

Dia 26, Domingo. Confessou algumas senhoras, rezou missa, ministrou comunhão geral e bênção papal.

Fez um sermão tendo por tema o Juízo Final. Realizou crismas e um casamento em casa particular. Recusou abrir mão da idade mínima para um casamento de uma menina. Nodia 27, em razão de forte chuva, não pôde viajar. Ouviu missa,pregou sermão e celebrou 7 casamentos "dos quais 5 de pes- soas que viviam emancebadas "incluindo" o Campos natural de Goyáz". Registrou que muitos homens e mulheres viajaram dúzias de léguas para que se confessassem e casassem. En- cerra seu registro que sintetizei com a seguinte frase:

"Os campos aqui na Primavera recendem todos com o aroma das guabirobas, uma espécie de pitanga rasteira bas- tante semelhante à murta européia".

A visita à Pelotas é descrita pelo padre Rubem Neis que nos cedeu os apontamentos relativos a Canguçu.

Fernando Luiz Osório em seu livro **A Cidade de Pelotas** transcreve uma conta corrente onde aparecem os fornecimen-tos de trigo em 1817, 1818 e 1819 a comerciantes de Pelotas, do canguçuense Antônio de Souza Mattos, nosso trisavô, quecasou com Ana Rodrigues de Sene, descendente dos Lemes.No ano seguinte chegou em Rio Grande a Divisão de Vo- luntários Reais de Portugal, ao comando do General CarlosFrederico Lecor, com efetivo de 3.832 homens que terminapor invadir o atual Uruguai e o incorporar ao Reino de Portugalcomo Província Cisplatina do Reino do Brasil Portugal e Al-garves. Segundo o professor Adail Bento Costa, veio com elana condição de Alferes o jovem Antônio Joaquim Bento pai de
Antônio Joaquim Bento.

Canguçu RS, primitivos moradores,primeiros batismos – 1800-1813

A genealogista Ilka Guittes Neves, sócia efetiva da ACAN- DHIS e professora dos Irmãos Andradas no início da década de40, em seu livro; **Canguçu - RS, primitivos moradores, primei- ros batismos**.**1800-1813**. Pelotas; Ed. Universitária - UFPEL,1998, obra que a seu convite tivemos a honra e o prazer de apre- sentar, ela registrou os nomes dos primeiros moradores de Canguçu e seus filhos nascidos de 180-1813,dados em sua maioria anteriores à elevação de Canguçu a Freguesia.

Ela registrou, de 3 de fevereiro de 1800 a 24 de setembro de 1813, os 833

forasteiros provenientes de diversos destinosno Brasil, em Portugal, Argentina, Uruguai e Paraguai. E de igual forma seus filhos nascidos em Canguçu, dos quais 702 foram meninos e 624 meninas. Delas 1148 eram brancas, 83 afro descendentes, 97 índias e 48 expostos (abandonados) seguindo costumes da época, por enjeitados sem maternida- de e paternidade definidas, ou deixados em rodas de institui- ções para serem criados.

Os índios eram migrantes de Aldeia dos Anjos em Gra- vataí, atual. Das crianças batizadas em 1813, ano seguinte a criação da Freguesia, nasceram 61 crianças, sendo 24 meni- nos e 37 meninas.

Das crianças nascidas de 1800 a 1813, 537 eram meninose 474 meninas. E os nomes dos pais e filhos são encontrados neste valioso trabalho, bem como os mais diversos locais de origem dos primitivos habitantes. Vale, a pena este tesouro genealógico ser consultado pelos canguçuenses de 200 anos,interessados em suas raízes. Os pais dos canguçuenses nas- cidos entre a fundação de Canguçu e a Freguesia tinham as seguintes origens:

- Do Rio Grande do Sul de então 59
- De São Paulo 149
- DeSanta Catarina 24
- DoRio de Janeiro 16
- DeMinas Gerais 09
- DaBahia 03
- DePernambuco 02

Os 59 nascidos no Rio Grande do Sul, 175 eram de Rio Grande, 95 de Estreito, 76 de Rio Pardo, 69 de Triunfo, 44 de Mostardas, 39 de Viamão, 27 de Gravataí, 18 de Santo Antonio da Patrulha, 11 de Porto Alegre, 09 de Vacaria, 05 das Missões, 05 de Taquari, 01 de Conceição da Serra 01 de Jaguarão, e 01 de Encruzilhada.

Os paulistas (o Paraná pertencia a São Paulo) 38 de Curi-tiba, 17 de São Paulo, 11 de Itapetininga, 13 de Castro, 13 da Lapa,12 de Sorocaba, 11 de Lages, 11 de Taubaté, 03 de Faxi- na (?), 03 de Itu, 02 de Mogiguaçu, 02 de Santa Ana da Paraí-ba, 01 de Atibaia, 01 de Caraguatatuba, 01 de Guaratinguetá, 01 de Iguape, 01 de Itanhaen, 01 de Jundiaí. 01 de Mogi das Cruzes, 01 de São Carlos e 01 de São Roque. Dos 24 catari- nenses, 21 eram da Ilha de Santa Catarina e 03 de Laguna.

Dos 16 fluminenses, 09 eram da cidade do Rio de Janeiro,02 de São Marcos, 02 de São José, 02 de Santa Rita e 01 de Piraí. Dos mineiros, 02 eram de Minas, 02 de Vila Rica (Ouro Preto) , 02 de Arraial dos Prados e 01 de Pouso Alto.

Originários de outros países: Portugueses do continente e das ilhas, 35 são das seguintes localidades; 12 de Braga, 08 do Porto, 04 de Lisboa, 02 de Aveiro, 02 de Evora, 02 deLamego, 02 de Leiira, 01 de Bragança, 01 de Coimbra e 01 deVizeu. Das Ilhas de Portugal 06, sendo 05 das ilhas sem ou- tros dados e 01 da ilha da Madeira e dos Açores 63 sendo 50da ilha do Faial, 05 da Ilha Terceira, 04 da Ilha de São Miguel,02 da Ilha do Pico, 02 da Ilha São Jorge.

Provenientes de outros países: 15 da Espanha, 08 do Uruguai, 03 da Argentina e 03 do Paraguai. Origens dos espa- nhóis, 07 da Espanha sem identificar o local, 04 da Galiza, 01 de Calahorra, 01 de Córdoba, 01 de Correntes.

Origem dos uruguaios (orientais); 07 de Maldonado e de Colônia do Sacramento. Origem dos argentinos, todos os três de Buenos Aires. Origem dos Paraguaios, 02 sem especifica-ção e 01 de Vila Rica do Paraguai. Estes dados mostram as origens diversas dos povoadores de Canguçu. E seus nomes constam do precioso trabalho de Ilka Neves.

Pesquisando o livro de Ilka Neves na Apresentação dele conclui as origens das seguintes famílias povoadoras de Can- guçu entre 1800/1813.

Do Rio de Janeiro temos os Picanço e os Coutinho da Rocha de São Marcos, antiga Vila Príncipe, hoje submersa. De Minas temos os Claro da Cunha, de São João Del Rei os Rodrigues Cardoso. Da Bahia os Favila que deram nome à região Favila.

Os Gomes e os Dias, famílias tradicionais de estancieiros procedem de Maldonado no Uruguai. Do arquipélago dos Açores vieram os Ávila, os Baladão, os Duarte, os Farias, os Gou-larte, os Mattos, os Nunes, os Oliveira, os Santos. De Santa Catarina os Saraiva do Amaral, dos quais descende Gumer- cindo Saraiva, com origem nos Açores, após transitarem por Mostardas e permanecerem por uma geração em Canguçu, em cuja toponímia deixaram seus sobrenomes.

Os Vaz de Bragança de Portugal; os Borbas, de Triunfo, com origem açoriana; os Cunha de Portugal e os Soares de Paiva de
Rio Pardo.

A acadêmica da ACANDHIS, Alda Maria Moraes Jaccot- tet, prosseguiu a pesquisa dos batismos em Canguçu de 1813
- 1819 em **Cadernos de Genealogia Obstinadas Famílias de Canguçu-RS**. (Livro n° 1 B de Batismos (1813-1819). Can-guçu tem contado com a contribuição de outros genealogistas. De minha parte escrevi a obra **Dos Lemes da ilha da Madeira aos Mattos, Moreiras e Bentos de Canguçu.** Itatiaia, ACAN-DHIS, 2006.

Obra que contamos com o concurso dos genealogistas Carlos Grandmassom, Ilka Neves, Heloisa Assunção Nasci- mento, Cairo Moreira Pinheiro, com suas pesquisas sobre os Mattos e os Moreiras e mais com Luiz Carlos Barbosa Lessa e Moacir Mattos com suas pesquisas na ADALEME (Associaçãodos Descendentes e afins dos Lemes), a partir do casamento de Anna Rodrigues de Sene, descendente dos Lemes da ilhada Madeira.

Contribui para a Genealogia Canguçuense Adolfo Fet- ter Junior com seu livro **Os Vetter/Fetter** - **170 anos no Rio Grande do Sul e Brasil**. Pelotas: Ed. do autor. Nesta obra es-clarecemos as p.485/490, a atuação do Capitão Jacob Fetter, raiz dos Fetter de Pelotas, na Revolução Farroupilha, como sargento da força do Ten Cel Francisco Pedro de Abreu, o Mo- ringue que usou Canguçu como base de operações a partir deAgosto de 1843 para pacificar a revolução nas Serras do Su- deste. Contribuíram para a Genealogia canguçuense Marlene Barbosa Coelho, inclusive com o levantamento de óbitos ocorridos e registrados na Igreja Matriz e constantes de trabalho de minha autoria denominado **Índice dos índices de documen- tos históricos**. v.1 e v.2 com exemplares diversos inclusive,

v.1 encadernado que integrara o Arquivo da Academia Can- guçuense de História, junto com os arquivos Conrado Ernani Bento e Cel Cláudio Moreira Bento. Este constantes de cerca de 15 caixas, contendo documentos que eu reuni ou produzi desde 1970 quando comecei a escrever sobre História.

Ajudam a Genealogia Canguçuense as obras dos seguin- tes historiadores de Piratini e Cerrito.

D'ÁVILA. Jayme Lucas. **Povoadores de Piratini - casaisde El Rei, militares, tropeiros, aventureiros e outros**. Porto Alegre: Suliani letras&vida.2007.

BENTO, Diac. Genes Leão. **Raizes de nossa História**. Cerrito: Stilus Artes Gráficas Pelotas, 2005. E mais as seguin- tes obras recentes por nós prefaciadas:

RIGO, Cecília (Org.) **Conhecendo Canguçu um novo olhar**. Canguçu; CFENSA, 2007. (Obra sobre a História Con-temporânea de Canguçu a partir de 1983 realizada por onze professoras respondendo a desafio do autor, NASCIMENTO, Eloah Moreira Morales do. **Era uma vez em Canguçu... quandoas crianças faziam arte.** Pelotas:.RL, 2007.

O Cinquentenário da Freguesiade Canguçu em 1862

Da Esquerda para direita Theóphilo de Souza Mattos, Professor Antonio Joaquim Bento e João Batista Pereira Galvão respectivamente Provedor, Vice-Provedor e Tesoureiro da Irmandade Conjun- ta do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição.

Neste ano assumiu a Irmandade Conjunta do Santíssimo Sacramento e de N. Sra. da Conceição da Igreja Matriz de Canguçu a seguinte Diretoria; Provedor, Theophilo de Souza Mattos, Vice-Provedor Professor Antonio Joaquim Bento. Tesoureiro Florício Barcelos. Secretário João Batista Pereira Galvão.

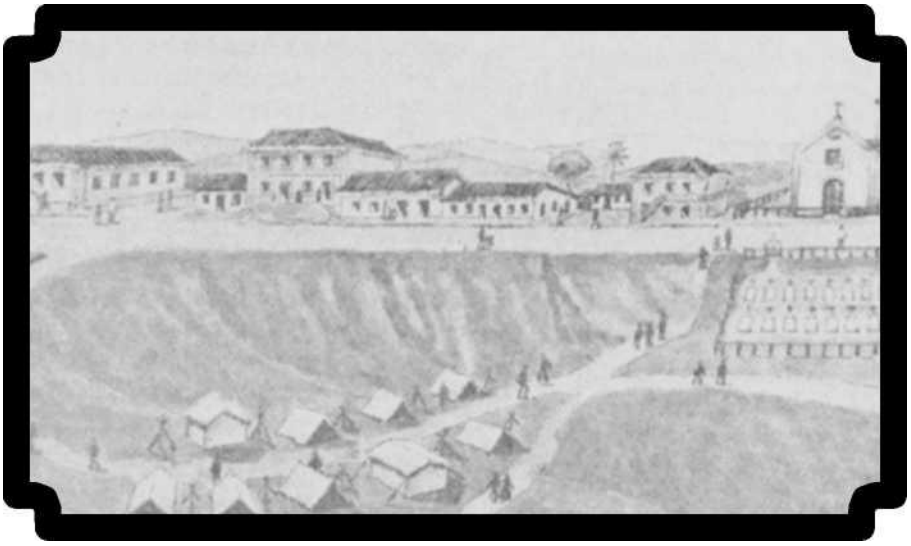
No ano anterior foi erguido o sobrado ao lado da igreja, substituído por outro, cujo acesso ao 2° andar era por escada externa.

Governava Canguçu a segunda Câmara de Vereadores eleita em 7 de setembro de 1860 e presidida por Antonio Pompeu Burlamaque e constituída dos seguintes Vereadores: Manoel Antônio Duarte, José Joaquim Bezerra, Francisco José dos Santos, Mauri- cio Rodrigues da Silva, Clarimundo Hipólito da Silva e José Pimenta da Silva. No ano seguinte nascia em Canguçu Genes Gentil Bento em casa que existiu ao fundo a esquerda do sobrado que fora construído em 1861 ao lado da igreja. Ainda em 1863, em 2 de abril de 1863, a citada Irmandade dirigiu requerimento a Câmara de Deputados do Império, numa tentativa de reaver os terrenos doados a N. Sra. da Conceição, a padroeira de Canguçu, como também de Portugal e seus domínios, além de rainha de Portugal desde 1644, por ato do Rei D. João IV.

O requerimento foi indeferido pela Câmara de Deputados com base nas Leis de Amortizações.

Esta questão, deixamos esclarecida as p. 38 - 39 de nosso livro; os **200 anos da igreja N. Sra. da Conceição de Canguçu** e com apoio na documenta- ção que encontrei no Arquivo Nacional que fora en- viada pela Irmandade Conjunta.

Era pároco de Canguçu no cinquentenário da Freguesia, o padre Manoel Joaquim Tostes.



Rua da igreja Matriz cerca de 1845 ao final da Revo- lução Farroupilha. Da esquerda para a direita: Casa onde nasci em 19/10/1931 e atual Cartório Bento, casa, hoje um restaurante e sobrado onde residiu Zeca Albano de Souzae local hoje de um restaurante. Casa onde funcionou a Câmara de Vereadores de 1857/1901 e depois o Clube Har- monia, o Colégio Elementar criado pelo intendente Genes Gentil Bento em 1913 e no final da década de 20 e inicio da década de 30 do século 20 o cinema mudo de Rafael Crecco, também fotógrafo e, mais tarde oficina mecânica de Emilio Klug que transformaria este histórico prédio na casas de número 985 e 987. Duas antigas casas gemina- das. Na da esquerda residiu Marlene Barbosa Coelho e nela nasceria, em 13 de julho de 1886, durante a Guerra do Paraguai o Arcebispo de Campos-RJ D. Otaviano de Albulquerque. No espaço entre estas casas e o sobrado no fundo residiu o professor Antônio Joaquim Bento e local onde nasceu em 1863 o Cel Genes Gentil Bento. O sobrado foi demolido e reconstruído em 1861. A igreja sócom uma torre e em avançado estado de conservação foi reconstruída pela Ala Direita do Exército Pacificador do Barão de Caxias e por sua ordem ao Comando do Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu. As barracas representam a Companhia de Infantaria, ao comando do Capitão Antônio de Sampaio, atual Patrono da Infantaria do Exército, des- tacada do 8° Batalhão de Fuzileiros de Pernambuco para a missão de 1845 a 1949, consolidar a paz nas Serras do Sudeste. (Fonte: Esboço feito pelo autor com apoio nas descrições de moradores antigos de Canguçu).

Canguçu no Centenário como Freguesia em 1912

Em 31 de janeiro de 1912, centenário de Canguçu. Freguesia, foi publicada a **Revista do 1° Centenário de Pelo- tas** n° 4, e inteiramente dedicada ao Centenário de Canguçu como Freguesia. Revista dirigida pelo hoje consagrado como o maior escritor regionalista de Rio Grande do Sul, João Si- mões Lopes Neto, hoje patrono de cadeira na Academia Can- guçuense de História que foi inaugurada pelo canguçuense Major Ângelo Pires Moreira, um de seus biógrafos.

J. Simões Lopes a produziu como membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Revista publicada pela Bi- blioteca Pública de Pelotas. A mesma revista plubicou reporta- gens sobre Piratini e São Lourenço do Sul.

As projetadas comemorações do Centenário de Canguçu: Missa Campal, celebrada pelo Bispo de Pelotas. Sessão so- lene presidida pelo Intendente Cel. Genes Gentil Bento, Festa de Crianças, colocação de placa alusiva na praça Marechal

Floriano Peixoto, festas populares etc, foram em parte, preju- dicadas, segundo João Simões Lopes Neto, em razão de na tarde de 5 de janeiro de 1912, “haver desabado sobre a Vila violentíssimo temporal, que causou inúmeros males, destruin- do habitações, muros, arvoredos, o que em conjunto apresen- tava desolador aspecto.”

Desta Revista hoje raríssima, possuo exemplar preserva- do por meu pai, Conrado Ernani Bento, durante 45 anos a qualele me doou em 1956, quando iniciei a pesquisar a Históriade Canguçu. Pesquisa traduzida entre outros trabalhos nos seguintes livros de minha autoria:

- **Canguçu - reencontro com a História**, que publicamos sesquicentenário de Canguçu - município em 2007. 2ª edição.
- **Canguçu 200 anos,** publicado em 2000 nos 200 anosda fundação de Canguçu;
- **Os 200 anos da Igreja Matriz N. S. da Conceição de Canguçu**, publicado nos 200 anos da fundação de Canguçu.
- **Canguçu Velho - Canguçu - RS, a sede da Real Feito- ria do Linho Cânhamo do Rincão de Canguçu 1783-1789,** publicado em 2009.
- **Álbum da Saudade.** Exemplar único que anotei e organizei, em 1972, no sesquicentenário da Independência, com fotos reunidas por meu pai Conrado Ernani Bento e por longo tempo à disposição dos consulentes no CFENSA. Contendo inclusive as fotos do Álbum de Rafael Crecco do Centenário de Canguçu Freguesia em 1912, de exemplar pertencente a meu pai.
- **Canguçu** em Artigos no site www**.**ahimtb.org.br.

No trabalho sobre a Real Feitoria, corrigimos erro histori- co centenário, constante da citada revista considerar Canguçu Velho a primeira redução jesuítica no Rio Grande do Sul, por ter confundido a fonte em que se baseou Simões Lopes Neto, os rios Piratini e Icamaquã, afluentes do rio Uruguai, com os rios Camaquã e Piratini de nossa região. Pois foi entre os cita- dos rios afluentes do rio Uruguai que foi fundada São Nicolaua primeira redução jesuítica no Rio Grande do Sul.

Esta revista tem por título; **O município de Canguçu - Bosquejo Histórico.**Consta de 14 páginas numeradas de 51 a 64.

A Revista faz um improvisado resgate histórico de Can- guçu até 1889. Ela destaca os “seguintes varões prestantes” da comunidade: que faço notas entre parênteses do que ob- tive de dados: João Machado da Cunha, Ismael Soares da Porciúncula,(de ilustre família de estancieiros na AZONASUL) José Batista Prestes, Gaspar Gomes Dias, Belchior Jacinto Dias, Baltazar Dias Jacinto Dias, (Eram estancieiros abasta- dos em Canguçu e no Uruguai e receberam os nome dos reismagos). Theophilo de Souza Mattos, (era Tenente Coronel Honorário do Exército e comandou o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu na conquista do Forte Curuzu) Manoel Antonio Duarte, (descendentes de açorianos da ilha do Faial), Horácio da Cruz Piegas (membro de família de
es- tancieiros em Canguçu e além), Florentino de Souza Leite, (Era amigo e parente de Bento Gonçalves e a quem ele dirigiu a sua ultima carta antes de atacar Porto Alegre em 20/set/ 1820, e era a maior autoridade farrapa em Canguçu). Pedro Rodrigues de Quevedo (de família originária de Itapetinga São Paulo), Domingos Alves Lisboa, Felix Alves Lisboa, Joaquim da Silva Mota, José Antônio Lessa (era o avô paterno de Bar- bosa Lessa e personagem de um conto de J. Simões Lopes) e Hipólito Pinto Ribeiro (veterano da Guerra do Paraguai e ge- neral honorário do Exército. Nasceu em velha casa que existiuno local da atual Igreja Episcopal. O biografei em Canguçu reencontro com a História. Foi nome de toda a rua que a partirda Osório para W atualmente tem o nome de Exército Nacio- nal, juntamente com Brigadeiro Antônio de Sampaio). Recor- dava estes nomes de canguçuenses do passado, para os que hoje (em 2012)

desfrutam os benefícios de suas ações.

Agradece os dados que colheu para sua histórica reporta-gem, “o concurso da bondosa paciência dos estimáveis anci- ões senhores Quirino Picanço, (de família originária de Santa Rita, Rio de Janeiro) Graciliano de Carvalho, Manoel Medina (de família espanhola) e outros contemporâneos e figuran-tes de muitos dos acontecimentos e do lúcido espírito dos tenentes coronéis; João Paulo Prestes, (patrono de cadeira na ACANDHIS) Martiniano Lafuente, Carlos Norberto Morei- ra (patrono de cadeira na ACANDHIS) e da tenaz e vigilante perquirição do intendente Cel Genes Gentil Bento,(patrono de cadeira na ACANDHIS) do Dr. Cesar Dias, (juiz de Direito) pa- dre José Bem F. Eifel, do Dr. Érico Ribeiro da Luz, Theophilo Moreira,(advogado filho de Franklin Máximo Moreira patrôno de cadeira na ACANDHIS e fundador do Clube Harmonia), João Miguel de Moraes e tantos outros dedicados auxiliares, pedimos coletar e registrar o que fica por estas despretensio- sas páginas.” Simões Lages Neto, publicou as fotos do Cel. Genes Gentil Bento, e síntese de sua biografia. E mais as fotos de João Pereira Galvão que registrava a História de Canguçu e “que um filho seu inconsideradamente dispersou o precioso arqui- vo,” e mais as fotos de Manoel Jesus Vasques, de Marcelino Correa de Paiva,(estancieiro tronco da família Correia de Pai-va, a de Gaspar Dias e a do General Honorário do Exército Hipólito Pinto Ribeiro.

Registra os seguintes comércios em Canguçu em 1912: na rua General Osório; Hotel Progresso de Jonatas Alves da Silva, a Casa Cubana, de Joaquim A. Barbosa, (Tita Barbosa (avô materno de Barbosa Lessa), Casa Vidal, de Vidal Soares dos Santos, Casa Santa Cruz, de Antônio Jorge, Pharmácia Albano, de Valente e Cia, (de Ingrácio Valente), Casa Hortên-cio Lopes, Hotel Canguçuense, de Felix Soares dos Santos, Loja de Fazendas de Casemiro Vieira da Rosa, Baratilho VistaAlegre, de José Francisco Jorge, a Bota de Ouro, de Mathias Wanner e o Empório de Secos e Molhados de Clementino Custódio da Fonseca (pai de João Fonseca).

E na Rua Silveira Martins esquina Silva Tavares, Walter Moreira (filho de Carlos Norberto Moreira) e Cia e a Casa Ver-melha da Viúva Conceição Marchand Pereira. E mais, o Dr. Jaime de Farias, médico, o Dr. Gabriel Bello - dentista, na Rua General Osório, Theophilo Moreira, advogado e o Salão Figaro de Lourival Guerra.

Simões Lopes registrou que seria usual em Canguçu, a chamada roupa campeira, feita de couro bovino para a lida com gado na zona da mata, e semelhante a dos vaqueiros no Norte do país”.

A comemoração do Centenário de Canguçu como Fre- guesia, foi realizada no dia 31 de janeiro de 1912, solene Te Deum e uma procissão de 6 andores, tomando parte deste festejo o terceiro bispo a visitar Canguçu, o 1° bispo de Pelo- tas D. Francisco de Campos Barreto.

Foi lavrada Ata alusiva assinada pelo bispo D. Francisco Campos Barreto, pelo Cel. Genes Gentil Bento, intendente, o Dr. César Dias, Juiz de Direito, Ângelo Marques, Delegado de Polícia, Ciro Moreira, Secretário Municipal, Hermes LaranjaBento, Escrivão de Órfãos e Ausentes (irmão de intendente), Alvim Nunes, (que foi proprietário do local onde foi instalado o Colégio N. Sra. Aparecida em 1933, fruto do esforço conjuntodo Bispo de Pelotas D. Joaquim Ferreira de Melo e do prefei- to Conrado Ernani Bento) e João Gualberto Pinto Bandeira professor municipal, que dirigiria no ano seguinte o Colégio Elementar criado pelo intendente Cel Genes Gentil Bento.

Comemorativa ao centenário da Freguesia foi construída pela Intendência a centenária 2ª Torre da Igreja e construída aCapela do Cerrito, em invocação a N. Sra. do Rosário e criadaa Pia União Filho de Maria.

Era coletor Silvino Freitas, avô do Prefeito Cássio Freitas Mota do bicentenário de Canguçu, tendo como seu ajudante José Albano de Souza, médico prático e nome da Rua do Hospital.

A intendência em1912. Prédio construído por volta de 1877 pela família Piegas e adquirido em 1901 pelo intendente Cel Hipólito Gonçalvespara servir de sededa Intendência.

Ao seu lado direito no fundo em 1933, a cadeia construída pelo chefe farrapo Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu que ocupou Canguçu ao final da Revolução Farroupilha. No local ela foi substituída por outra que demolida deu lugar ao teatro Professor Antônio Joa- quim Bento. (Foto da Intendência de Rafael Crecco e a dacadeia em 1933, no dia da inauguração da Luz Elétrica e ambas do Arquivo Conrado Ernani Bento).

Destacou como edifícios públicos a Intendência e a Ca- deia. Esta construída durante a Revolução dos Farrapos, pelo Tenente Coronel da Guarda Nacional, Francisco Pedro de Abreu, o Moringue que ocupou Canguçu de agosto de 1843 a março de 1845, como comandante da Ala Esquerda do Exérci- to Pacificador ao Comando do então Barão de Caxias. Quan-do, por ordem deste restaurou a igreja local a beira da ruína e em invocação a N. Sra. da Conceição a padroeira do Exér- cito Imperial do Brasil e sua devoção, tendo falecido aos pés da gravura da santa, hoje recolhida ao Museu da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende-RJ. Nela estiveram presos (o Cel João Pedro Soares, veterano das lutas contra Napoleão em Portugal e que dispôs as forças no Combate do Seival e que neste combate organizou e comandou os Lancei- ros Negros) Domingos José de Almeida, mineiro de Diamantina e Ministro da Fazenda da República Riograndense e o Cel José Mariano de Matos, carioca, major do Exército e Coronel farrapo que foi Ministro da Guerra e da Marinha farrapo, vice- presidente da República Riograndense autor da sua bandeira, desde 1891 adotada pelo Rio Grande do Sul). E pacificada a Revolução foi o Chefe do Estado-Maior de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 e Ministro da Guerra do Impé- rio em 1864. Os dois militares os estudamos em nosso livro **O Exército Farrapo e os seus chefes**. BIBLIEX, 2v 1989, e Domingos José de Almeida no nosso livro, **O mineiro que foi o cérebro e o maior estadista da Revolução Farroupilha.** Itajubá:EFEI, 1981.

A vila de Canguçu foi o local que de 1845 - 49 serviu de base de Companhia de

Infantaria ao Comando do Capitão Antônio de Sampaio, hoje patrono de Arma de Infantaria do Exército.

A Igreja era administrada pela Irmandade Conjunta do Santíssimo Sacramento de N. Sra. da Conceição e era seu pároco, o Reverendo José de Bem, 1908 - 1913.

A iluminação pública era desde 1898, até dez 1933, por 35 anos com lampiões a querosene.

O abastecimento de água era feito por três cacimbas. A do Ferro no final da rua Cel. Genes Gentil Bento. Tendo no ex- tremo leste da citada rua, cacimba conhecida no meu tempo como Bica.

A da Ouro era no final W da rua Franklin Máximo Morei- ra e a
da Prata próximo a rua General Câmara, cuja nascenteficava na frente do Hospital.

A cacimba da Prata em 1912, que conheci em minha infância e adolescência como a principal fonte a abastecimento de água em Canguçu (Foto de Rafael Crecco do Arquivo Conrado Ernani Bento).

Segundo Simões Lopes Neto, as calçadas da Rua Gene- ral Osório “eram ladrilhadas, e as sarjetas empedradas e exis- tiam moradias de primeira ordem, quanto a divisões, conforto e arquitetura, capazes de figurar, sem destoar das de nossascidades mais adiantadas”.

Era ocupada pela Intendência, a atual Casa da Cultura, adquirida da família Piegas e a do Clube Harmonia, então ocu-pada pelo intendente Cel. Genes Gentil Bento, também adquirida da família Piegas.

Palacete residência em 1912 do Intendente Cel Genes Gentil Bento e atual local do Clube Harmonia e abaixo, os Correios e Telégrafo e residência de Severiano Nascimento e ambos na rua General Osório, esquina com a rua D. Noca Monteiro Bento, esposa do intendente. (Fotos de Rafael Crecco em 1912 do Arquivo Conrado Ernani Bento) O **Correio fora estabelecido em 1857 - Pelotas, Piratini- Canguçu e**

que passou a ser Pelotas direto a Canguçu em 1911.O Telégrafo existia desde 7 de maio de 1878.

Registrou pois este momento da comunidade canguçu- ense J. Simões Lopes Neto, o fotógrafo Rafael Crecco, em álbum por ele lançado e do qual muito tenho me socorrido emmeus trabalhos.

Em 1911 o Intendente Cel Genes Gentil Bento em entre- vista com o Presidente do Estado Carlos Barbosa dele conseguiu 6 escolas rurais e mobiliário para o Colégio Elementar que fundaria no ano seguinte e que por evolução e denomi- nações sucessivas originou o Colégio Irmãos Andradas, em prédio construído pelo prefeito Jaime de Farias, prefeito nomeado pelo Estado Novo 1937/45. Ao retornar desta viagem ointendente Genes Gentil Bento veio de Pelotas trazendo o 1° automóvel a Canguçu.

Canguçu em 1912 na visão do fotografoRafael Crecco

Vista de Canguçu em 1912 do alto onde hoje se en- contra o Monumento com a estátua de N.S da Conceição inaugurada, em 8 de dezembro de 2010, na administraçãodo prefeito Cássio Freitas Mota. (Foto de Rafael Crecco doArquivo Conrado Ernani Bento).

O Clube Harmonia e o Clube Borges de Medeiros em 1912. O local do Clube Harmonia em 1912 hoje é a sede daPrefeitura, depois de ser sede do Banco do Brasil, sede provisória da Igreja Matriz, Globo Hotel. O local do Clube Borges de Medeiros, foi por longos anos Grupo Escolar André Puente depois Irmãos Andradas, Casa do Centená- rio, Banco do Brasil. (Fotos de Rafael Crecco do Arquivo Conrado Ernani Bento)

A praça Marechal Floriano em 1911 e a rua General Osório, na parte central da vila, vista da esquina da rua Franklin Máximo Moreira. A direita o sobrado sede do co- mércio e residência de Antonio (Antônico) Valente. (Foto de Rafael Crecco do Arquivo Conrado Ernani Bento).

Fotos de outras fontes e datas esclarecedoras de como era Canguçu em 1916

A administração de Canguçu em 1912 reunida no Sa-lão de Honra da hoje Casa da Cultura Professora Marlene Barbosa Coelho com personagens por nos identificados em foto do Arquivo Conrado Ernani Bento

Fotos da igreja matriz, antes de 1912 quando foi cons-truída a nova torre. Ao seu lado o sobrado construído em 1861 e o estado da igreja matriz em 1949. Demolida deu origem a outro templo cujo projeto foi do artista Adail Bento Costa, neto do Professor Antônio Joaquim Bento. (Fonte; Fotos do Arquivo Conrado Ernani Bento)

Nas páginas anteriores vemos seis aquarelas do Dr. Nilson Meireles Prestes retiradas de homenagem que lhes prestamos em artigo Canguçu seus palacetes, so- brados e casarões do século XIX, lido no Colégio N. Sra. Aparecida em reunião da Academia Canguçuense de História em 24 de junho de 2004. Artigo em Artigos, em Canguçu, no site www.ahimtb.org.br. Construções que existiam em 1916 no Centenário da Freguesia e a maio- ria demolida para ceder lugar a outras construções:

(1)- Igreja em 1912 acrescida de mais uma torre e remodelada em seu aspecto atual sob a direção do Professor Adail Bento Costa de 1956/69. (2)- Em primeiro plano sobrado velho incendiado em 1952 e hoje local da Câmara de Vereadores e depois dois sobrados gêmeos sendo que um deles foi demolido e no outro funciona a Rádio Liberdade. (3)- Sobrado onde residiu Zeca Albano que foi demolido e cedeu lugar a sobrado mais moder- no. A sua direita local onde

funcionou a Câmara de Vereadores de 1857 a 1989 e a Intendência de 1890-1901 e onde funcionou o Clube Harmonia, o Colégio Elementar e o Cinema Mudo. Deu lugar a duas casas. (4)- Pala- cete dos Soares de Paiva que demolido, cedeu lugar a outro sobrado na esquina da rua Gen Osório com a Exército Nacional / Brigadeiro Antônio de Sampaio. E recentemente demolidos os seguintes e tradicionais prédios. (5)- Casa comercial e residência de Antônio (Antonico) Valente na esquina da rua Gen Osório com a rua André Puente. (6)- Residência construída pelo Advogado Theophilo Mattos Moreira na rua Gen Osó- rio esquina com a Duque de Caxias. Não fora a inicia- tiva do Intendente Cel Genes Gentil Bento em solicitar em 1916 que o fotógrafo Rafael Crecco fotografasse detalhes da vila de Canguçu e que o Dr. Nilson Meire- les Prestes imortalizasse em aquarelas traços da ar- quitetura da vila de Canguçu, quase nada teria este historiador podido registrar para as atuais e futuras gerações canguçuenses.

A Fonte da Saudade. Construída e usada pela família do português José Ferreira Monteiro que veio do Rio de Janeiro, para instalar em Canguçu uma marmoraria para trabalhar com mármores vindas de Caçapava, destinadas a alfândega de Rio Grande em construção. Local da fonte que localizei em 1972, na esquina da rua Júlio de Casti- lhos, com a Duque de Caxias, como parte do terreno onde existe até hoje a casa onde nasceu Conrado Ernani Bento, em 13 setembro 1888, ano em que a família de seu avô deixou Canguçu e na fonte que aparece onde aponto em 1972. em foto de Jesus Bento Martins, a seguinte dedica- tória. Foi o ano da Abolição da Escravatura. "A CANGU- ÇU. NESTA FONTE A FAMÍLIA FERREIRA MONTEIRO LHEDEIXA UMA SAUDADE 1888."

Casa adquirida por Conrado Ernani Bento em 1922 e por ele reformada

conforme foto abaixo. Onde apareço já oficial doExército ladeado por Jaques Mota, oficial da Brigada Militar e Fernando Oscar Lopes, oficial do Exército e ambos falecidos. Foi ai que eu nasci em 19 de outubro de 1931, entre as tensõesdas revoluções de 1930 e 1932 e 7 dias antes da inauguração no Rio de Janeiro do Cristo Redentor, uma da maravilhas domundo. E fui batizado no dia de Natal de 1932, tendo estudado de 1938/1944 no Colégio N. Sra. Aparecida, e fundado em 13 de setembro de 1988, centenário de meu pai Conrado Ernani Bento a Academia Canguçuense de História para me ajudar natarefa de resgatar a bela história perdida da comunidade can- guçuense o que conseguimos. Agora só nos falta com o auxilioda comunidade construirmos a Casa da Memória de Canguçu- a sede da Academia Canguçuense de História para orientar o futuro de Canguçu com o apoio de sua História, coerente comesta definição: A História é instrumento para se conhecer o passado, para entender o presen- te , para melhor se cons- truir o futuro. Fizemos a nossa parte. Esperamos que outros canguçuen-ses dêem continuidade.

ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA

Breve Histórico

Acadêmica Yonne Maria Sherer Bento

Vice presidente da ACANDHIS

A Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) foi fundada em 13 de setembro de 1988 no Centenário de Con- rado Ernani Bento, (1888-1966) que foi consagrado como o seu patrono e conhecido dos canguçuenses de seu tempo como "Major Ernani" ou simplesmente "Major". Foi um historia- dor nato e autodidata, graças a sua inteligência privilegiada. “Foi o tabelião dos tempos de Canguçu, na feliz expressão de Osório Santana Figueiredo, além de haver sido tabelião por profissão.

Ele foi um colecionador, anotador e preservador incan- sável de fontes históricas relacionadas a eventos políticos, sociais, econômicos culturais que marcaram a identidade da comunidade canguçuense. Eventos de que muitos dos quais participou, testemunhou ou ouviu e guardou testemunho dos mais antigos que ouviu quando menino e jovem. E em espe- cial o seu avô Antônio Joaquim Bento, o primeiro professor régio para meninos de Canguçu município, o seu pai Cel. GN Genes Gentil

Bento intendente de Canguçu (1905/1916) e de seu tio Hermes Laranja Bento. Assim se sentiu na obrigação moral de coletar, anotar e preservar essas fontes históricas para que seus pósteros conhecessem um pouco do passado da terra e gente canguçuense que ele tanto amava.

Conrado Ernani Bento foi o inspirador e primeiro mestre do consagrado historiador Coronel Cláudio Moreira Bento, seufilho, que foi o idealizador, fundador e presidente da ACAN- DHIS, desde a sua criação. E hoje a sua âncora cultural em História, conforme mensagem que recebeu dos integrantes da ACANDHIS, em 19 de setembro de 1999, ao ser destacado pela hoje cinquentenária Rádio Liberdade, com o Troféu Méri- to Comunitário, junto com outras personalidades.

E tudo em razão de sua larga experiência como historia- dor de projeção regional, estadual, nacional e mesmo interna-cional, como o demonstra o seu riquíssimo currículo cultural disponível na Internet. E, sobretudo como o pesquisador e o historiador intérprete do passado de Canguçu, há 55 anos, desde 1956, o seu amado torrão natal.

A ACANDHIS tem por objetivo:

"Congregar social e culturalmente, aqueles que são cul- tores da História, Folclore e Tradições de Canguçu, e assim e deste modo se constituir em mensageira dos valores es- pirituais, morais de nossos antepassados canguçuenses de nascimento e de coração, para as gerações do presente e dofuturo."

Enfim, para manter acesa e viva a identidade e perspec- tiva históricas de Canguçu para que seus filhos possuam a firme consciência de onde vieram, onde estão e para onde estão indo.

E não, " como uma nau perdida e sem bússola numa tempestade, que não sabe de onde veio, aonde está e para ondeé que está indo." como NOSSO PRESIDENTE refere com fre-quência.

Corpo de associados da ACANDHISAcadêmicos e cadeiras

Acadêmica Secretaria Alliete Martins Ribeiro

Acadêmico emérito: Coronel Claudio Moreira Bento con-tinua vinculado à cadeira n° 7

Acadêmicos: Ocupantes das seguintes cadeiras nume-radas: n° 1 - Zeferino Couto Terres - Cel. GN Leão da Silveira Terres. Foi ocupada por Leão Pires Terres (falecido) n° 2 -Alda Maria de Moraes Jacottet - Barão de Corrientes,

Felisberto Inácio da Cunha, "O Oficial da Ordem da Rosa."

n° 3 - Sebastião Ribeiro Neto - Cap. GN João Simões Lopes Neto, "O Rapsodo Bárbaro dos Pampas." Foi ocupada por Maj. Ângelo Pires Moreira.

n° 4 - Yonne Maria Scherer Bento - Cel. GN Genes Gentil Bento, "O administrador público."

n° 5 - Laedi Bachini Bosembecker - Prof. André Puente, "O grande pedagogo Rio-grandense."

n° 6 - Ceres da Rosa Goulart - Prof. Eduardo Wilhelm, "O grande mestre alemão enamorado de Canguçu."

n° 7 - Luiza Helena Moreira da Silveira - Cap. GN Carlos Norberto Moreira,

“O empresário de transportes e poeta." Foi inaugurada pelo Coronel Cláudio Moreira Bento até ser ele-vado a acadêmico emérito, continuando vinculado a cadeira.. n° 8 - Armando Ecíquio Peres - Gen. (Revolução de 1923) Zeca Neto, José Antônio de Souza Neto, "O condor dos Tapes."

n° 9 - Vaga - Ten. Honorário do Exercito Franklin Maxi- mo Moreira, “O fundador do Clube Harmonia”.Cadeira que foi inaugurada pelo falecido acadêmico Dr Amilton Valente da Sil-veira.

n° 10 - Maria Helena Fonseca Rodrigues - Cel. Farroupi- lha Joaquim Teixeira Nunes, "A maior lança farrapa."

n° 11- Yone Meireles Prestes - Dr. Walter de Oliveira Pres- tes, “O repórter de Canguçu."

n° 12 - Aliette Martins Ribeiro - Gen Hon. Hipólito Antônio Ribeiro, "0 vanguardeiro no Paraguai."

n° 13 - Carlos Eugênio Meireles - Cel. PM Juvêncio Ma- ximiliano Lemos, “O Herói valoroso e leal da Brigada Militar."

n° 14 - Lucio Newton Prestes - Ten. Cel. João Paulo Pres- tes, “O jornalista canguçuense."

n° 15 - Vanja Rocha Wiskow - Clovis da Rocha Moreira, “O menestrel satírico."

n° 16 - Elida de Ávila Canez, - Capitão José Henrique Bar-bosa (0 Herói que morreu em defesa da Pátria no Paraguai). Foi ocupada pela falecida acadêmica Marlene Barbosa Coe- lho.

n° 17 - Anna Luiza de Souza Thomas - José Maria de Sou- za Oliveira, "A âncora cultural da Flórida."

n° 18 - Rosenda Barbosa Telesca - Arcebispo Dom Ota- viano Pereira de Albuquerque, “O grande religioso filho de Canguçu."

n° 19 - Cairo Moreira Pinheiro - Ten. Farroupilha ManuelAlves da Silva Caldeira, “O memorialista do Decênio Heróico."n° 20 - Moacyr Pereira de Mattos - Ten. Cel. Honorário do Exército Theóphilo de Souza Mattos, “O comandante dos canguçuenses na Guerra do Paraguai."

n° 21 - Flávio Azambuja Kremer - Comendador ManoelJosé Gomes de Freitas, “O primeiro historiador de Canguçu." n° 22 - Gilberto Moreira Mussi - Dr. Luiz Oliveira Lessa, “O canguçuense laureado em Medicina."

n° 23 -Ivete Possas da Silveira - Ermílio Campos, “O ân- cora cultural dos Campos."

n° 24 - Ir. Cecília Ivone Rigo - Ir. Maria Firmina Simon "A grande mestra e educadora do Colégio Aparecida"

n° 25 - Luis Carlos Valente da Silveira - Raul Soares da Silveira "O tradicionalista gaucho emérito,

n° 26- (Vaga) Dr Nilson Meireles Prestes . “O artista plás- tico preservador em texto e em aquarelas da memória arqui-tetônica de Canguçu”.

Nota: Ainda não foram inauguradas as cadeiras Major Farroupilha Vicente Ferrer de Almeida, Longhin Van Hauser e Dr. Nilson Meireles Prestes.

Homenageado pela ACANDHIS

Professor Antonio Joaquim Bento primeiro professor ré-gio para meninos de Canguçu, em 1857.

Além dos citados, a Academia possui diretorias honoráriae executiva e, associados:

Patrono: Conrado Ernani Bento.

Presidente de Honra: Prefeito do Município - Cássio Luiz Freitas Mota.

Ocuparam a presidência de Honra os prefeitos Odilon Al-meida Meskó, Nelson Edi Grigolleti e Domírio Camargo.

Diretoria Executiva

Presidente: Cel. Cláudio Moreira Bento.

Vice-Presidente: Yonne Maria Scherer Bento.Coordenadora: Laedi Bachini Bosembecker. Coordenador Cultural: Cairo Moreira Pinheiro.Secretária: Aliette Martins Ribeiro.

Tesoureira: Rosenda Barbosa Telesca.

Acadêmico falecidos: Leão Pires Terres, Major Ângelo Pi- res Moreira e Dr Amilton Valente da Silveira

Sócios Beneméritos: Falecidos Firmo Moreira, Egídio Camargo, Joaquim de Deus Nunes, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Arnoldo Pires Terres e Amilton Valente da Silveira.

Sócios Efetivos: Darcy Soares de Freitas Adão Jesus Marques (falecido), Bazílio de Souza Barbosa, Conrado Erna-ni Bento Neto, Darcy Soares de Freitas, Jardel Valente Morei-ra, Maria da Graça Valente da Silveira, Maria Ivonete da Silva Tessmann, Maria de Lourdes Brandão Jorge, Norma Rocha (falecido), Ingrid Goulart Bohmer, Vivian Oliveira de Moura, Laura Oliveira Domingues, Karen Telesca, Jussara Vargas Ri- beiro, Gladis Hackbart Goulart, luri Jivago L. Guterres, Geisa Goulart Bohmer, Nestor Van Hausen, Laura Leal Mota, Zuleica Reis Barbosa, Geder Barbosa, Paulo Fernando Souza, Bea- triz Souza, Ari Silveira Borges e Magali Rocha Borges, Davis de Oliveira e Mário Luiz Ribeiro Fonseca.

Sócios Colaboradores: Adriano Telesca Mota, Dr. Cleber Mattos Fonseca, Jaques dos Santos Oliveira, José Lino Dias, José Moreira Bento, Nestor Teixeira Van-Hausen, Carmen Schiavon, Ivone Leda do Amaral (falecida), Anélio Duarte Al- meida, Antônio Saraiva e Cristina Dias Ribeiro.

Sócios Correspondentes: Osório Santana Figueiredo, Cel. Luiz Ernani Caminha Giorgis, Ivo Caggiani (falecido), Ten. Cel. Brigada Militar José Luiz Silveira (falecido), Luiz Marchiot- ti Fernandes e Coralio Bragança Cabeda.

Sócias Junior: Camila Rocha Wiskow Bento, Helena Bento Bosembecker, Elisa Bento Bosembecker e Laura Domingues.

Notas complementares Acadêmico coordenador Jornalista Cairo Moreira Pinheiro

Medalha Cerro da Liberdade; Instituída pela ACANDHIS e concedida a acadêmicos e personalidades de destaque na construção da comunidade.

O **Memória**: É o informativo da ACANDHIS

A ACANDHIS na Internet: Possui matérias de interesse da História de Canguçu em Artigos sobre Canguçu no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Bra- sil (FAHIMTB) no site www.ahimtb.com.br administrado pelo Comandante da Marinha Carlos Norberto Bento, filho do Presidente, e nos www.acandhis.blogspot.com e http://pontode- culturaacandhis.blogspot.com/

A ACANDHIS e os Pontos de Cultura em Canguçu:

PONTO DE CULTURA; o que é: Ponto de Cultura é um projeto financiado pelo Ministério de Cultura dentro do Pro-grama Mais Cultura e, na nossa região Coordenado pela Uni-versidade Federal de Rio Grande - FURG - Pró-Reitoria de Ex- tensão e Cultura e executado, no Município, pela ACANDHIS.O nosso Ponto de Cultura

tem como Título : ACANDHIS : VIDAE CULTURA. O que visa? Ponto de Cultura é um elo entre asociedade e o Estado que possibilita o desenvolvimento deações culturais sustentadas pelos princípios de autonomia, protagonismo e empoderamento social, integrando uma ges-tão compartilhada e transformadora da entidade selecionada.A ACANDHIS celebrou contrato para administrar o Projeto Pontos de Cultura em Canguçu por indicação de seu presi-dente de Honra o prefeito Cássio Luiz Freitas Mota e no seguinte contesto:

Objeto: Convênio que entre si celebram a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande - FAURG, com recursos do Ministério da Cultura, e a Academia Canguçuense de História
- ACANDHIS, para apoio ao projeto Pontos de Cultura no Suldo Rio Grande do Sul - Rede de Pontos de Cultura da FURG. O Projeto vem sendo administrado pela ACANDHIS e em es- pecial pelos acadêmicos jornalista Cairo Moreira Pinheiro e Ivete Possas da Silveira sob a supervisão da vice presidente da ACANDHIS no exercício da Presidência, acadêmica Yon- ne Maria Sherer Bento. O desenvolvimento do projeto pode ser acompanhado pelo blog http://pontodeculturaacandhis. blogspot.com/ E a ACANDHIS objetiva em 2012, ano do Bi- centenário de Canguçu Freguesia concretizar o projeto de sua sede, com apoio do Ministério da Cultura e da Prefeitura e co-munidade para enfim Canguçu possuir um abrigo para a sua memória histórica.

A sede da ACANDHIS e sua pedra fundamental

Lançamento da pedra fundamental da Academia Cangu- çuense de História (ACANDHIS) no dia 22 de maio de 2010, na comemoração do Bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Patrono da Infantaria do Exército, o qual, em pré-dio que existiu a esquerda da cena ai focalizada e como Ca- pitão teve o seu Posto de Comando de 1845/49, no comando de uma Companhia de Infantaria com a missão de consolidar a Paz de Ponche Verde na região. Na foto, da esquerda para a direita. Dr Sebastião Ribeiro Neto da Rádio Liberdade. E com a capa de acadêmicos: Irmã Cecília Rigo, oradora do evento, Laedi Bachini Bosembecker, Dr Luis Carlos Valente da Silvei-ra, Élida de Ávila Canez, Aliette Martins Ribeiro, jornalista Cai- ro Moreira Pinheiro, mostrando o projeto do prédio, Coronel Claudio Moreira Bento, homenageado nos dizeres de placa afixada na pedra fundamental e, o General de Brigada Luiz Eduardo

Ramos Batista Pereira, então comandante da 8ª Bri- gada de Infantaria Motorizada em Pelotas e ex-aluno de Histó- ria Militar, em 1978, do Presidente da ACANDHIS e atualmen-te comandante das Forças de Paz da ONU no Haiti. O local do projeto sede situa-se entre o Teatro 27 de junho Professor Antonio Joaquim Bento e a Casa da Cultura Professora Mar- lene Barbosa Coelho. O presidente de Honra da ACANDHIS, prefeito Cássio Luiz Freitas Mota, em missão em Brasília, se fez representar por seu Secretário de Cultura Andrio Aguiar.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM JANEIRO DE 2025

Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento (x)
Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento,Turma Asp Mega Eng AMAN 1955, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho do Tabelião Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, e do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou, como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador, convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército - perfil militar de um povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980. Academia sobre a qual escreveu 6 livros sobre sua História, disponíveis para baixar em Livros e Plaquetas em História da AMAN no seu site www.ahimtb.org.br e no Google, além de diversos artigos, inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990, onde criou em sala especial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 327 obras (Álbuns, livros e plaquetas), disponíveis para serem baixados em Livros e Plaquetas no seu site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa

civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no seu site. Publicou o livro **Marechal José Pessoa - seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1983. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, bem como Comendador da Medalha Homens de Honra pela Academia Brasileira de Ciências, Artes, História e Literatura**,** além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves-RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, tendo recebido de seu comandante, como prêmio, para sua Companhia de Equipamento Mecânico uma caminhonete Rural Aero Willys, por haver sua companhia r batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20, então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidi a Academia Canguçuense, e fundou e presidiu a Piratiniense, Resendense e Itatiaiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária e de igual modo de seu berço natal Canguçu-RS, da AMAN e do Exército. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e nos NPORs de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende**, **com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**, que foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência. E ainda para o

Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2025 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site www.ahimtb.org.br, em Livros e Plaquetas, em Cel Bento e no Google, pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar - não vivi em vão!** Toda a sua obra historiográfica e jornalística está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência. Este ano, com apoio da Fundação Habitacional do Exército, publicará seu livro **Os 80 da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende.** Cursou em 1975 **o Curso A de Analista de Alto nível da Escola Nacional de Informações da Presidência da República**
Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com.

Currículo cultural de Camila Karen Renê

Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cláudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição à História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site www.ahimtb.org.br

Camila segundo o Cel Bento:

"Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, à tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como hábil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam..

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seus estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muito expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios.Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Camila Karen foi minha parceira e do Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg no 1º Volume da História do **21º GAG Grupo Monte Bastione** e minha parceira no 2º Volume da História de 21º GAC e seus ancestrais com apoio em grande parte em pesquisa 21º GAC Grupo Monte Bastione e não publicada do saudoso Gen Ex Paulo Cesar de Castro, quando comandante do 21º GAC, mas que não tratou da **História do 21º GAC** atual que a realizamos bem como a de seu antecessor na FEB que foi feita pelo Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg. E também fizemos o currículo cultural do General Paulo Sérgio, rico em informações culturais tarefa facilitada pela digitalização dos originais do General Paulo Sergio de Castro pelo parceiro Israel Blajberg.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa assessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”
A Camila tem sido também minha professora de Informática. Há 24 anos iniciei minha incursão em computação, ao receber de meu filho CMG Carlos Norberto seu velho computador. E hoje consigo digitar, mas me faltam alguns detalhes que a Camila me informa.